

ANNA CLAUDIA RAMOS  
ANTÔNIO SCHIMENECK



## AGRADECIMENTO AOS APOIADORES

Aimée Siqueira Knak	Carmen Prado Nogueira	Fabricao Gomes	Jonas Ribeiro	Márcia Lopes Duarte	
Alex Ramires Eslabão	Carolina König	Fátima Cristina de Moura	José Carlos Moura de Araujo	Maria Beatriz Maciel Myrrha	
Alexandre Brito	Carolina Muller	Lourenço	José Roberto de Moraes	Maria Célia Azevedo	
Alexandre Rampazo	Caroline Maciel	Felipe Maciel	Ramos	Maria Clara Duarte	
Altino Schimeneck	Caroline Rodrigues	Fernanda Baroni de Barros	Juares Souza	Maria Helena Fernandes da	
Amanda Lerner	Cesar Lopes Aguiar	Fernanda Ferreira	Júlia Campello Dathein	Trindade Henriques Mueller	
Amir Piedade	Christian David	Fernanda Melchionna e Silva	Juliana Hugo	Maria Laura Pozzobon	
Ana Ester Pádua Freire	Christina Maria Thiessen	Fernando de Castro Cerqueira	Juliana Zuardi Vinas	Spengler	
Ana Luiza Montenegro	Christine Casoni	Arosa	Jussara Wittmann	Maria Schimeneck	
Camanho	Cila Borges	Flávia Itabaiana de Oliveira	Karen de Souza	Mariana Côrtes Nogueira	
Ana Maria Accorsi	Cíntia Agustoni	Flaviane Boeger da Luz	Karen Drago	Marlise Soares de Fraga	
Ana Paula Cecato	Cíntia Rodrigues	Flora Salles França Pinto	Karin Caselli	Matheus Machado Hoscheidt	
Ana Rute Santos Paz	Claudia Maria Milone	Francisco Lovato	Katiane Crescente Lourenco	Matheus Perez	Roxane L. S. Miranda
Anderson Carnin	Travassos Vieira	Gabriela Isabel da Silva	Kelly Saturno Martins	Maura Coradin Pandolfo	Sabrina Ferreira de Souza
André da Silva Schimeneck	Cláudia Reis dos Santos	de Souza	Kennedy Souza de Oliveira	Mauricio Sodré	Samira Guedes
Andre Neves	Cristiane Granville	Geisiane Calheiro	Kim Costa Capillé	Michelle Azambuja	Sandra Coutinho
Andréa Fróes	Cynthia Spaggiari	Genelci De Fátima Oliveira Gil	Laís Polesello Garda	Milena Koyama Araujo Gerardi	Sandra Guedes
Andrea Viviana Taubman	Daiane Andrade	Georgina Martins	Larissa Fernanda Kohlrausch	Milene Barazzetti Machado	Sandra Helena de
Andressa Lotes	Daniela Delmando	Gilsandro Vieira Sales	Larissa Sousa de Santana	Mirna Brasil Portella	Sousa Soares
Anelize Morche	Daniela Ferme Silveira	Giséle Maria Weirich	Laura Castilhos	Mônica Campos	Sara Albuquerque
Angela B. Kleiman	Débora Jardim	Gislene Sapata Rodrigues	Laura Van Boekel	Norberto Santos	Sergio Alves
Angela da Rocha Rolla	Deborah V Fischer	Giulia Ferrari Custodio	Lelé Guerra	Pablo Morenno	Sheila Sinigaglia Facchin
Ângela Gil	Denise Ramalho	Gláucia Regina Raposo	Leo Martinez	Paula Taitelbaum	Sidnei F. I. da Silva
Angela Maria Oliveira Martins	Denize Inez Volkart Pinto	de Souza	Leticia Moraes da Silva	Paulo Thumé	Silvia Lemgruber do Valle
Anna Maria Tortorelli	Diego Emanuel Macedo	Guadalupe da Silva Vieira	Lisandra Kohlrausch	Penélope Martins	Silvio Wolff
Massignan	Diego Lamarck	Hannilorí Schwarzbald	Lisiane Andriolli Danieli	Peterson Luiz Oliveira da Silva	Simone Cruz dos Santos Mota
Anne D'prat	Diógenes Buenos Aires	Helder Guastti	Lívia Araújo Dos Santos	Raquel Alencar de Azevedo	Sônia Maria M. F. Travassos
Antônio Schimeneck	de Carvalho	Helena Nascimento	Livia Koyama	Raquel Cristina Pereira Mina	Stéfanny Gabriela
Assumirian Lúcia do Amaral	Dionatan Nadalon	Heloisa Carla Coin Bacichette	Liziane Klein	Raro de Oliveira	Suane Calheiro
Costa Capillé	Diônathan Oliveira	Heloísa Mulhern	Luana Valéria da Cruz Coelho	Regina Porto	Suyan Maria Castro Ferreira
Atena Produções	Edir Alves de Fagundes	Henrique Schneider	Lucas de Melo Bonez	Ricardo Danziger	Tamires Schimeneck
Bárbara Anaissi	Edith Chacon Theodoro	Inara Moraes dos Santos	Lucia Elena de Assis	Rita Schimeneck	Tânia Georg Florão Belmonte
Bê Sol	Edna Maria de Lopes Bueno	Inês Boniatti Silva	Luciana Figueiredo	Roberto Malater Guimarães	Tânia Márcia Tomaszewski
Beatriz Chacur B Mano	Edu Maciel	Inez Bueno	Luciana Kramer Müller	Rochele Bagatini	Tania Maria da Silva
Beatriz Lemgruber	Elaine Jussara Ferreira	Instituto de Leitura Quindim	Luciana Lopes Stein	Rodrigo Ferreira	Tânia Regina
Bernardo Senra	da Silva	Isabel Aparecida Mendes	Luis Augusto Fischer	Rodrigo Maciel	Tatiana Stumpf Bischoff
Bruna de Azambuja	Elenara Quinhones	Henze	Luis Eduardo Matta	Roger Castro	Tereza Cristina Macedo Vidal
Sanguinetti	Eliana Arione Haag	Isabel Cristina Arendt	Mafalda de Moraes Roso	Rosa Elena da Silva Manoel	Tino Freitas
Bruna Giordani	Eliana da Silva Rodrigues	Jair de Bairros Gomes	Magda Brito	Rosa Maria Ferreira da Silva	Valeria Cristina Lazzaroto
Bruna Loregian	Eliana Sanches Hernandez	Janaina Pereira Antunes	Maira Bernardes	Rosa Maria Ribeiro Bernini	Valeria Lopes Ribeiro
Bruno Evaldt	Martins	Jaqueline Isabel Ritter Brito	Manuel Messias da Silva Filho	Rosana Rios	Valesca de Assis
Caio Riter	Eliandro Rocha	Jefferson Goulart Henrique	Mara Solange Franke	Rosane da Rosa Peres	Vera Härter
Camila Perlingeiro	Eliane Mantelli Soares	Jiro Takahashi	Marcela Perroni	Rosângela Darwich	Vera Lúcia Bulhões Góes
Carina Castro Ávila	Else Lopes Emrich Portilho	Joana Garcia	Marcia Brasil Protasio	Rosangela Marquezi	Bastos
Carlos Luiz Gonçalves	Evelyn Rogozinski	Joceane Calheiro	Márcia H. Koboldt Cavalcante	Rose Lula Peixoto	Vera Maria Hoffmann
Carmem Ramminger	Fabio Monteiro	Jocelene Silveira Aquino	Marcia Leite	Roseli Fontaniello	Wesley Rosa



## SUMÁRIO

- 6 Apresentação
- 10 **POR QUE EU NÃO CONSIGO GOSTAR DELE?**  
ANTÔNIO SCHIMENECK
- 18 **ELES MUDARAM TUDO!**  
ANNA CLAUDIA RAMOS
- 32 Depoimentos

## APRESENTAÇÃO

OS AUTORES

O livro *Por que eu não consigo gostar dela? Por que eu não consigo gostar dele?* nasceu do convite que eu, Anna Claudia, fiz para o Antônio.

Vamos explicar essa história desde o começo para você entender. Eu havia escrito *Por que eu não consigo gostar dela?*, que saiu publicado pela ONG Indica, em 2009. Fazia parte de uma coleção de temas polêmicos, mas não houve uma edição comercial dos livros, eles foram distribuídos. E a ideia deste título nasceu da pergunta do jovem Rodrigo, que na época tinha 15 anos. Um dia, muito angustiado, ele me mandou uma mensagem com a pergunta que leva o título da história. Fiquei tão impactada com a intensidade que havia em sua pergunta! Achei que Rodrigo precisava de acolhimento e escrevi esse conto para ele, que nesta edição nova nos traz um depoimento. Quando o livro foi lançado, naquela época, ouvi adultos dizendo: quem dera tivesse lido algo assim na minha adolescência, teria sofrido menos.

Mas como a publicação não teve caráter comercial e muita gente gostaria de tê-la, resolvi pensar numa nova edição. Foi aí que chamei o Antônio para escrever o outro lado da história: *Por que eu não consigo gostar dele?*

Antônio escreveu e o livro ficou parado. O momento não era propício para a publicação. Até que, no final de 2019, resolvemos nos inscrever num edital LGBTQIA+ e chamamos a Raquel para editar o livro caso entrássemos. Não entramos, a concorrência era acirrada... Aí veio a pandemia de COVID-19 e virou o mundo de cabeça para baixo. Sacudiu tudo. Valores, medos, coragens, olhares. Mesmo com essa turbulência toda, um dia, a Raquel mandou mensagem dizendo: Vamos fazer aquele livro? Vamos marcar uma reunião para a gente pensar nisso? Assim foi feito. Viva a internet que nos uniu em meio a tudo que estamos vivendo!

Combinamos de escrever mais um conto cada um. Desta vez, eu escreveria sob o ponto de vista da menina e o Antônio do menino. Assim fizemos. Para coroar o projeto, somou-se a ele nada menos que a grande artista Raquel Matsushita. Ela deu forma ao livro com seu olhar criativo e aguçado. É outra pessoa atenta às injustiças do mundo.

Pensamos também em convidar pessoas para dar depoimentos e compor ainda mais esta narrativa. Pessoas totalmente diferentes, LGBTQIA+ ou não, pessoas que entendem que o mundo precisa de amor e pessoas precisam de acolhimento. É chegada a hora de mudarmos o foco do olhar para as temáticas LGBTQIA+.

Por isso, escrevemos este livro, não para enfiarmos goela abaixo de ninguém essas histórias, mas para levarmos reflexão para as escolas e as famílias. Para aprendermos a respeitar as pessoas, educando-as a se respeitarem também. O foco é o respeito pelo amor, pela vida, pelo cuidado com o outro, mostrando como a não aceitação causa dor e sofrimento. Na verdade, o foco é o amor. E amor não tem gênero. E não deveria incomodar, não é mesmo? A sociedade como um todo deveria se preocupar não com as expressões de afeto, mas com a hipocrisia, a mentira, a falta de respeito ao outro que pensa diferente de mim e com a corrupção, as grandes e as cotidianas.

Queremos levantar esse debate com nossos contos.

As histórias aqui escritas são todas inspiradas em fatos. E a nossa alegria em receber depoimentos de diversos segmentos, sobretudo religiosos, é imensa. Juntos, somos mais fortes! Juntos, podemos levar esse olhar de amor e respeito para dentro das escolas e das famílias, para que nunca mais nenhum jovem atente contra a sua própria vida por não se sentir acolhido e respeitado. Para que nenhum jovem precise passar por tratamento para curar algo que não é de curar, apenas de viver.

O mundo está sempre em transformação. Mas neste momento, estamos sendo chamados à ação. A pandemia de COVID-19 veio mostrar que não há mais tempo a perder para nos modificarmos na direção do amor e do bem. Por isso, depois de tanto tempo trabalhando em silêncio, resolvemos assumir quem somos, o que pensamos e agirmos no sentido de deixar um mundo melhor para as futuras gerações.

Um dia, lá no futuro da vida, os jovens acharão graça de que, em 2020, num tempo de grandes avanços científicos e tecnológicos, os escritores precisaram emprestar sua voz no combate à perseguição de pessoas LGBTQIA+.

Acreditamos que, um dia, todos serão respeitados porque são pessoas, sem rótulos.

## **POR QUE EU NÃO CONSIGO GOSTAR DELE?**

ANTÔNIO SCHIMENECK

Suzanna correu pela praia com a prancha embaixo do braço. Jogou-se no mar e, com braçadas vigorosas, nadou em direção às ondas gigantes repletas de surfistas. Deslizou na imensidão esmeralda e, num impulso, imergiu. Sentiu no rosto o borbulhar da água agitada pelo quebrar da onda e saiu adiante, toda equilíbrio e precisão naquele ambiente líquido, tão íntimo e ao mesmo tempo tão senhor de si.

Ela usava fraldas quando os pais decidiram visitar aquela praia fora do circuito turístico, rodeada por montanhas e de clima estável. Terminadas as férias, Roberto e Lúcia retornaram à cidade na qual viviam, pediram demissão de seus empregos e se instalaram à beira-mar. Transformaram a parte da frente da nova casa num quiosque e aprenderam a fazer quitutes e drinques. O local se tornou ponto de encontro dos nativos e dos surfistas que apareciam nos finais de semana.

Ainda criança, Suzanna, com sua prancha de isopor, acompanhava o pai de longe. Roberto ia para a praia com sua *Funboard* – ótima para flutuar e versátil nas manobras – e por uma hora encarava as ondas matutinas. Com o tempo, deixou o esporte de lado. Ela se

apropriou da prancha dele e todos os dias nadava além da última rebentação, onde se formam as vagas mais altas.

Na última semana de julho, acontecia a competição anual de surf. O evento iniciou entre os moradores. Com o tempo, ganhou fama e trazia, nesse período, esportistas de toda a região. Pela primeira vez, Suzanna participaria da disputa, por isso, há meses treinava com afinco. Numa manhã, ao sair da água para secar-se ao sol, percebeu companhia:

– Ei, brother! Fiquei só de boia hoje; você é big rider, muito bom mesmo! Já foi pro Havaí?

Suzanna pensou em falar sobre a perda de tempo em apenas observar um mar lindo daqueles e, sim, gostava de ondas altas e desafiadoras e, depois de estar no pico, pegar um tubo, sair logo adiante curtindo cada sessão e, viajar para o Havaí fazia parte de seus planos. Em vez disso, tirou a touca libertando os cachos alourados à força de sol e sal. Enquanto arrancava a vestimenta de neoprene, virou-se e encarou o desconhecido.

Ele engasgou na hora:

– Desculpa aí. A roupa... não percebi que você era... perdão, é uma mina.

– Não esquenta.

– Espera, você é a pro de que todo mundo fala? Cara, eu vim aqui te conhecer. Tá todo mundo amarelando, com medo de te enfrentar no campeonato.

Sentaram-se, cada um na sua prancha. Olhos no mar. Filipe contou praticar surf há cinco anos. Sempre ia nos finais de semana para o litoral, mas estreava naquela praia e no campeonato. Tinha dezoito anos. Suzanna revelou ser um ano mais nova.

Foram interrompidos pelo homem alto e bronzeado com um prato de petiscos numa das mãos e com uma garrafa de isotônico na outra:

– Trouxe violinha, especialidade da casa – apontou o quiosque.  
– Para reporem as energias – piscou o olho para Suzanna e gracejou:  
– comportem-se.

Sozinhos novamente, Filipe disse:

– Que louco! O povo aqui é assim?

– É meu pai.

– Ah! Desculpa aí. Foi mal...

– Não esquenta. Ele é meio palhaço.

Alimentados e hidratados, juntaram a roupa espalhada na areia, colocaram as pranchas embaixo do braço e seguiram em direção a casa dela. Enquanto aguardavam na beira da estrada de terra, perceberam o olhar fixo de uma garota acomodada no banco traseiro de um carro. Filipe disse:

– A mina tá na tua.

– Ficou doido?

– Não precisa ficar vermelha.

E atravessaram a rua.

Suzanna foi direto para o banho. Enquanto tirava o sal do corpo, avaliou os últimos acontecimentos. Gostou de conhecer Filipe. Bonito, inteligente, bem-humorado, agradável de ter por perto. Mas um fato a perturbava: o olhar da desconhecida de dentro do carro. Tentou disfarçar, mas Filipe foi rápido e não deixou passar sem um comentário. Abriu o guarda-roupa, escolheu uma camiseta e uma bermuda. Vestiu-se e olhou para o espelho interno do móvel. Ficou parada por alguns instantes. Depois, fechou a porta com estrondo e saiu do quarto.

Foi para o quiosque ajudar os pais no atendimento aos clientes. Mal entrou, Roberto falou:

– Tá namorando, hein?

– Nem vou comentar.

– Relaxa, filha. É bacana conhecer gente nova. Além disso, vai

ser bom ter um genro pra trocar uma ideia, tem muita mulher no meu pedaço.

– Se depender de mim, vai continuar assim.

– Convidou ele pra almoçar?

– Não. Mais tarde vamos surfar. Ele quer umas dicas sobre o mar daqui.

– Que bom! Então, convida pro jantar.

– Menos, pai.

Os dias passaram cheios de preparação para o campeonato de surf. Suzanna contabilizou uma semana de ondas gigantes e de conversas na areia depois do treino. Filipe despertou nela uma faceta desconhecida, pois, até então, sempre fora silêncio diante do mar. Interessava-lhe a natureza, o mergulho e o desafio das ondas. Não tinha amigos. Os colegas de escola vinham de lugares diferentes e os encontros na pequena cidade praiana eram raros. Estava gostando de encontrá-lo. De ouvir as histórias e os sonhos do garoto. Com o canto do olho, o observava: o rosto com nada de barba, apenas penugem alourada; a boca rosada sorrindo para ela em dentes brancos; os cabelos encaracolados.

E a imagem dele se confundindo com a da garota que ela vira por um momento. Como seria beijá-lo... beijá-la?

O grupo de trabalhadores terminava a montagem do palco para o show da noite. O reggae embalava os turistas ocupados em armar barracas nos campings improvisados. Suzanna e Filipe saíram da água. Jogaram-se na areia clara. As pranchas deixadas de lado enquanto os dois relaxavam os músculos exaustos pelo treino.

– Daqui a dois dias a gente vai se enfrentar nesse mar – disse Filipe.

– E eu vou vencer.

– Quer ir comigo no show hoje...

– Bora! – respondeu antes dele terminar a pergunta.

Riram.

O pai passou a tarde soltando indiretas.

A mãe só ouvia e mandava ele deixar a filha em paz.

Suzanna olhou para o próprio reflexo no espelho do quarto: short branco, sandália baixa, blusa de alça fina com estampa de flores miúdas e coloridas, cachos hidratados e sedosos, brilho nos lábios, realce preto nos cílios. Adorava bermudas e camisetas, mas a imagem mais sofisticada também lhe agradava. Aquela roupa lhe caía bem. E lembrou da desconhecida naquele carro. Será que ela gostaria de vê-la assim? E se o convite para sair naquela noite não tivesse partido de Filipe, mas da garota vista de relance num atravessar de rua? Ela teria aceitado? Tantas perguntas surgiram na sua cabeça depois daquele furtivo olhar...

Despediu-se dos pais e foi ao encontro de Filipe.

Caminharam em direção às luzes. Misturaram-se à multidão. A música embalava a dupla. De vez em quando, trocavam impressões. Era preciso conversar rente ao ouvido por conta do som alto. No meio de uma fala, se beijaram.

Pouco tempo depois, Suzanna se esgueirou para dentro de casa. Ao passar pelo corredor, a mãe pôs a cabeça para fora da sala:

– Voltou cedo. Como foi lá?

Não conseguiu dizer nada naquele momento. Chorou, abraçada à mãe.

Lúcia a levou para o quarto. Esperou a filha se acalmar e perguntou:

– O Filipe tratou você mal?

– Não tem nada a ver com ele, mas comigo – assoou o nariz.

– Tudo ia bem, a música, a dança, a conversa. De repente, pintou um beijo.

– Que bom, filha.



– Aí é que tá o problema. Rolou tudo certo. Ele é perfeito. Mas deixei o cara plantado no meio da festa.

– Você só deve fazer o que tem vontade. Amanhã vocês conversam. Tudo vai ficar bem. Tem mais alguma coisa pra dizer ou que talvez não esteja entendendo? Posso tentar ajudar.

– Tem. Mas não quero falar agora.

– Pode contar comigo pra qualquer coisa.

As duas ouviram Roberto aproximar-se do quarto. Chegou todo animado:

– E aí, meninas, quero saber as novidades!

O olhar fulminante fez ele dar meia volta e resmungar:

– Depois conversamos.

Suzanna olhou para a mãe.

– E com ele? Também posso contar?

– Esqueceu que aqui somos a maioria?

E veio o abraço.

Na manhã seguinte, Suzanna jogou-se com fúria ao mar.

Horas depois, largou a prancha na areia e, enquanto retirava a roupa emborrachada, avistou o ousado surfista chamando atenção dos banhistas. Sentou-se. Bebeu uma água de coco admirando as manobras radicais. Viu Filipe sair do mar aplaudido por um grupo de fãs espontâneos. Veio em direção a ela. Despiu a malha escura e sentou-se.

Silêncio constrangedor.

Ela antecipou a conversa:

– Quero me desculpar.

– Eu forcei a barra, confundi as coisas...

– Seria mais fácil gostar de você...

– Não tem galho. Posso continuar aqui?

– Pode.

Ficaram olhando o mar. Em silêncio. Até que ouviram passos na areia fofa. Suzanna pensou que fosse o pai com seus petiscos, mas enganou-se. A desconhecida que dias atrás passou no banco de trás de um carro, parou ao lado deles, tirou a canga colorida, descalçou as sandálias, amarrou o cabelo e perguntou se eles poderiam tomar conta das coisas dela, com o olhar diretamente em Suzanna.

– C-claro.

– L-lógico.

Durante um tempo, os dois não falaram nada. Então se olharam, surpresos. E sorriram.

Suzanna, se enchendo de coragem, decidiu entrar na água. Naquele momento teve certeza: o mar acabava de ficar ainda mais sedutor.